

Cattleya crispa: Minha experiência de cultivo.

Luiz Antônio Moraes da Costa

luizantonio@gmail.com

Resumo: A *Cattleya crispa* é apresentada sob diferentes aspectos da espécie Como: habitat, cultivo, pragas e doenças, dando ênfase as variedades cromáticas das flores.

My experience on growing *Cattleya crispa* – Abstract: Different aspects of the species are shown on the present paper. Habitat, growing tips, pests and diseases, and flower color varieties are topics discussed and illustrated here in.

Key words: *Cattleya crispa*, habitat, varieties.

É uma orquídea brasileira, que foi classificada inicialmente como *Cattleya crispa* e posteriormente passou pelas denominações de *Laelia crispa*, *Hadrolaelia crispa*, *Brasilaelia crispa*, *Sophronitis crispa* e que, mais recentemente voltou a ser denominada de *Cattleya crispa*.

Nessa matéria, vou me referir a essa espécie como *Laelia crispa*. Nome esse, ainda muito utilizado no meio orquidófilo brasileiro e com o qual nos habituamos ao longo de muitos anos.

Não entrarei no mérito da discussão sobre classificação, já que o trabalho em questão é amador e tem como objetivo principal a divulgação da beleza das várias formas dessa bela espécie de orquídea através de fotografias, sem analisar aspectos científicos mais detalhadamente.

Habitat:

Vegeta nas florestas da Mata Atlântica, predominantemente no Estado do Rio de Janeiro, mas também pode ser encontrada nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo em regiões próximas ao Rio de Janeiro.

No Estado do Rio de Janeiro, apesar dos desmatamentos provocados pela expansão populacional e pela agropecuária, ainda é possível encontrá-la com certa facilidade no seu habitat, no Maciço da Tijuca, no Maciço da Pedra Branca, na Costa Verde, na Serra dos Órgãos e em outras cidades serranas.

Gosta de calor e umidade relativa do ar elevada, sendo mais freqüentemente encontrada em áreas próximas a córregos, cachoeiras, rios e lagos.

A temperatura média anual no seu habitat é de aproximadamente 18°C (21,7°C em Fevereiro e 15,2°C em Julho), com possibilidade de variações extremas entre 5°C de mínima no inverno e de até 38°C ou até mais de máxima no verão.

A pluviosidade média anual é de cerca de 1.900 mm, variando de 55 mm em Julho, que é considerado o mês mais seco a 300 mm em Dezembro.

Em relação à altitude, começa a ser notada a partir dos 200 metros e pode ser encontrada também em altitudes superiores aos 1.000 metros.

Aprecia luminosidade intensa, se localizando na maioria das vezes na parte alta das copas das árvores se beneficiando da alta luminosidade do sol filtrada pelas folhas e galhos das árvores, frequentemente entre bromélias e outras plantas epífitas. No entanto, é possível encontrá-la completamente exposta ao sol, sendo que nesses casos, as plantas assumem um porte menor, chegando alguns espécimes adultos a um tamanho de até um quarto daqueles encontrados em áreas mais protegidos do sol e ainda assim, florindo de forma exuberante em relação ao número e ao tamanho das flores. Também é possível encontrá-la em áreas mais escuras da floresta e nesses casos, as folhas ficam maiores, mais arqueadas e de cor mais escura que o habitual para a espécie. Além disso, essas plantas podem passar certos períodos sem florir devido a uma luminosidade menor.

Com certa frequência, são encontrados seedlings localizados em árvores a poucos metros e até a poucos centímetros do solo, mas esses dificilmente se desenvolvem até a idade adulta.

A planta também pode ser encontrada vegetando na forma rupícola, em pedreiras e rochas, na maioria das vezes sob a sombra de arbustos, protegida do sol das horas mais fortes do dia.



Fig. 01 - Habitat da *Laelia crispa*.



Fig.02 – *Laelia crispa* no seu habitat entre outras plantas epífitas.



Fig. 03 – Detalhe da planta crescendo no tronco principal .



Fig. 04 – Árvore hospedeira suportando diversos exemplares.



Fig. 05 – Touceira florida de *Laelia crispa* exposta ao sol.



Fig. 06 – *Laelia crispa* crescendo em galho horizontal a meia sombra.



Fig. 07 - *Laelia crispa* na floresta montana.

Características:

É uma orquídea de crescimento simpoidal, vigoroso, predominantemente epífita, unifoliada com pseudobulbos claviformes e uma espata no ápice de cada pseudobulbo. É uma planta que desenvolve um sistema radicular robusto e forma touceiras com facilidade.

Os pseudobulbos medem em média 25 centímetros de comprimento por 4,5 centímetros de largura, os dianteiros são roliços e os traseiros são sulcados.

As folhas medem em média 30 centímetros de comprimento por 6 centímetros de largura, podendo excepcionalmente atingir tamanhos muito acima do habitual descrito. São consistentes, sendo que as das plantas de menor porte costumam ser retas e nas plantas de maior porte frequentemente assumem uma forma arqueada.

A floração, habitualmente ocorre nas semanas mais quentes do mês de Fevereiro e menos frequentemente alguns espécimes florescem no final de Dezembro, no mês de Janeiro ou em Março e ainda menos frequentemente algumas plantas podem florir em Abril ou até mesmo em Maio.

Logo após a floração, geralmente em Março ou em Abril, se inicia a brotação dos pseudobulbos novos, os quais estarão completamente desenvolvidos com espatas entre os meses de Outubro e Dezembro. Entre Abril e Maio já é possível notar em algumas plantas a ponta de espatas surgindo das folhas em desenvolvimento.

É interessante observar, que pela coloração dos pseudobulbos e das folhas novas em desenvolvimento é possível fazer uma estimativa se as flores serão das formas sem pigmentos como alba ou pouco pigmentadas como a coerulescens e algumas cárneas, pois nesses casos os pseudobulbos e as folhas novas são completamente verde claro sem manchas ou pintas coloridas.

Nas formas albescens com coloração quase imperceptível no labelo, existem pouquíssimas pintas no pseudobulbo novo e nas folhas novas. Já nas albescens que apresentam linhas mais escuras no labelo, mesmo que essas sejam em pouca quantidade, já se tornam bem visíveis pintas e manchas mais coloridas nos pseudobulbos e nas folhas novas em crescimento. As formas suaves, em geral já são bem mais pigmentadas com pintas ou manchas na cor vinho sobre o verde do pseudobulbo e folhas novas já se tornando difícil de serem diferenciadas das rosadas e das estriatas, nas quais os pseudobulbos e folhas novas são frequentemente cor de vinho ou púrpura. Essa mesma observação feita em relação à coloração dos pseudobulbos e folhas em crescimento também é válida para as espatas florais (espatas completamente verdes ou com graus variados de pintas ou manchas coloridas). No entanto, essa regra não é absoluta.



Fig.08- A -Pseudobulbo de laelia crispa alba em desenvolvimento, completamente verde, sem nenhuma pinta ou mancha; B - Pseudobulbo da laelia crispa albescens “Neblina”, que mesmo sendo de flores muito claras, é possível notar algumas pintas coloridas no pseudobulbo novo; C - Pseudobulbo de *Laelia crispa coerulescens* sem pintas ou manchas; D - As plantas com flores de traços mais fortes no labelo ou de labelos bastante coloridos têm também o pseudobulbo novo bastante colorido.



Fig. 09 - Folha em desenvolvimento, bainhas, folha e espata intensamente coloridas.

As flores:

De espatas florais verdes ou manchadas de vinho, medindo habitualmente 15 x 4 centímetros, surgem as hastes florais de cerca de 35 centímetros de comprimento e delas as flores, que são de pouca substância, frágeis, com duração de cerca de sete dias se não forem molhadas e que geralmente medem entre 12 e 15 centímetros de diâmetro. A planta bem adaptada costuma dar de 5 a 11 flores por pseudobulbo novo e não raramente encontramos em uma única planta de dois a quatro ou até mais pseudobulbos novos, o que pode originar uma grande florada.



Fig. 10 - Botões coloridos de *Laelia crispa*.

A grande maioria dos espécimes apresenta pétalas, sépalas e freqüentemente também o labelo com formas retorcidas encrespadas, o que não desperta interesse comercial. A forma mais comum é aquela com coloração de pétalas e sépalas quase brancas, mas com algum sopro de cor rosa ou lilás. O labelo, em geral é púrpura ou cor de vinho e menos freqüentemente roxo, sendo as formas semi-albas, com pétalas e sépalas de um branco puro bem menos comuns.



Fig.11 - *Laelia crispa* típica em coloração e forma de pétalas, sépalas e labelos. encrespados.



Fig. 12 *Laelia crispa* semi-alba ‘Magrelinha’.

As formas com pétalas e sépalos completamente brancas são menos comuns que as que têm algum tom de rosa ou lilás nos seus segmentos florais.

Alguns clones formam grandes buquês de vistosas flores bastante coloridas e com desenhos inusitados no labelo, com segmentos florais menos encrespados e labelo aberto, o que tem despertado mais interesse comercial e têm sido cada vez mais ofertados por orquidários.



Após a polinização, surge a cápsula de sementes, que tem alguma semelhança com a fruta carambola e amadurece entre nove e dez meses.

Com sorte, as cápsulas maduras caídas sobre o substrato da planta mãe originarão novas plantas. Isso pode ocorrer tanto ao acaso por polinização desconhecida feita por inseto, como aquelas originadas de uma polinização intencional feita pelo cultivador, em que não houve interesse de fazer sementeira em meio de cultura apropriado.

Fig.13 - Cápsula de *Laelia crispa*.



Fig. 14 - Seedlings de *Laelia crispa* se desenvolvendo no substrato da planta mãe, que foram originadas de fecundação acidental por inseto polinizador.



Fig. 15 - Plantas originadas de polinização acidental.



Fig.16 - Inseto polinizador em ação.

Plantas selecionadas:

São plantas de coloração incomum e labelos diferenciados, formando arranjos de destaque.



Fig. 17: *Laelia crispa* var. *alba*.



Fig. 18 : *Laelia crispa* var. *albescens* 'Cândida'



Fig. 19: *Laelia crispa* var. *albescens* 'Neblina'.



Fig. 20: *Laelia crispa* var. *albescens* 'Rio do Ouro'.



Fig. 21: *Laelia crispa* var. *coerulescens*.



Fig. 22: *Laelia crispa* var. *suave* 'Itaipava'.



Fig. 23: *Laelia crispa* var. Suave 'Feirinha'.



Fig. 24: *Laelia crispa* var. Suave 'Mangalarga'.



Fig. 25 *Laelia crispa* var. cárnea 'Serrano'.



Fig. 26: *Laelia crispa* var. Pérola concolor.



Fig. 27: *Laelia crispa* var. pérola 'Rendas'.



Fig. 28. *Laelia crispa* var. pérola oculata



Fig. 29: *Laelia crispa* 'Tons de Roxo'.



Fig. 30: *Laelia crispa* var. *orlata* 'Maria Lúcia'



Fig. 31: *Laelia crispa* var. *orlata* 'CG'.



Fig. 32: *Laelia crispa* var. *estriata* 'Do Jorge'



Fig. 33: *Laelia crispa* var. *estriata* 'Lucinha'.

Plantas de menor qualidade:

Exemplos de plantas com sépalas e pétalas excessivamente finas e encrespadas.



Fig. 34: *Laelia crispa* 'Rodeio'.



Fig. 35: *Laelia crispa* *vinicolor* 'Samambaia'.

Cultivo:

O plantio em uma árvore que não forneça sombreamento muito intenso é a forma mais prática de cultivo, mas tem a desvantagem de não se poder mobilizar a planta durante a floração. Esse tipo de cultivo ainda hoje pode ser observado em antigos quintais e sítios mesmo aqueles localizados ao nível do mar no Rio de Janeiro.

Fora da opção de árvores, ela pode ser cultivada com sucesso ao nível do mar ou em cidades de baixa altitude no Rio de Janeiro, desde que receba uma boa ventilação, que haja um sombreamento de 50%, que o substrato tenha uma boa drenagem e que a rega seja feita sempre que o substrato secar.

Na minha experiência, utilizo as seguintes possibilidades de cultivo na região serrana do Rio de Janeiro:

- 1) Cachepô de madeira com casca ou toquinhos de árvore (Pinus, Peroba ou Sansão do campo).
- 2) Vaso de barro com um pouco de caco de vaso ou brita número um no fundo e substrato de casca grossa de árvore ou toquinhos de madeira preenchendo o vaso até a altura do rizoma da planta (quando a casca de pinus é muito fina deteriora mais rapidamente).
- 3) Vaso de plástico com brita número um pura.
- 4) Vaso de plástico com brita número um e um pouco de pinus por cima. Esse tipo de cultivo é mais sujeito a doenças.

Considero as duas primeiras opções como as melhores.

Os cultivos em vaso de plástico necessitam de mais vigilância, pois o esse tipo de vaso retém mais água.

Antes de ser usada, a brita deve ser bem lavada em água corrente e posteriormente deve ficar em solução de hipoclorito de sódio a 20% durante vinte minutos. Depois disso, deve ser bem enxaguada.

Quando uso caco de vaso de barro eu ferver antes.

As cascas de árvore e os toquinhos de madeira devem ser fervidos para retirar o excesso de tanino e para a prevenção dos vários tipos de doenças possíveis, dentre eles moluscos e fungos.

Considero que é sempre mais seguro deixar as plantas em local com o sombreamento de uma tela de 50% e com uma cobertura impermeável e transparente ou translúcida.

A rega pode ser feita duas vezes por semana no verão e uma vez por semana no inverno. Nas semanas de frio muito intenso a rega pode até ser dispensada. O excesso de rega é bastante prejudicial às plantas.

Em regiões mais quentes, as regas devem ser mais frequentes e realizadas sempre que o substrato estiver seco.

Para a manutenção da nutrição, é conveniente utilizar adubo químico foliar NPK 20 20 20 juntamente com micro-elementos aplicados quinzenalmente visando principalmente a rega das raízes e durante a brotação preferir o NPK 30 10 10. Não aplicar adubo em dias muito frios ou chuvosos.

Doenças:

Esse tópico se refere somente à experiência pessoal no cultivo dessa orquídea e não aborda aspectos agrônômicos.

Não é incomum encontrarmos sinais de ataques feitos por insetos, fungos, bactérias, moluscos e vírus mesmo nas plantas localizadas no seu próprio habitat.

Na natureza e em cultivos sem proteção de telas e coberturas impermeáveis, freqüentemente encontramos plantas atacadas por lagartas, gafanhotos, tentecoris, pulgões, ácaros e cochonilhas dentre outros.

No cultivo, embora seja essa uma planta bastante resistente, o excesso de rega, as chuvas repetidas, a pouca ventilação entre as plantas e a má drenagem dos vasos utilizados no cultivo, favorecem o aparecimento de diversos tipos de pragas.

Dentre os insetos, as cochonilhas e os tentecoris talvez sejam os mais freqüentes. Também são comuns os besourinhos que surgem principalmente na época da floração e atacam as flores causando grandes danos a essas. Menos comuns, são os ataques da vespinha negra e de lagartas de mariposas que se alimentam do vegetal através de túneis escavados nos pseudobulbos e até mesmo no rizoma da planta.

Nas coleções com poucas plantas, é possível minimizar o ataque da maioria desses insetos limpando as partes acometidas com uma escovinha macia e sabão de coco, usando óleo de Neem ou inseticidas de contato. No entanto, quando se dispõe de muitas plantas em que muitas delas estejam comprometidas, deverá ser avaliada a utilização de inseticidas de ação sistêmica, pois os ataques de insetos podem ser devastadores em curto espaço de tempo. Atentar que os inseticidas são sempre tóxicos aos humanos, a outros animais e contaminam o solo. Quando for usar não dispensar o uso de EPI.

Em relação às lesmas e caramujos, que devoram principalmente as raízes novas e as pontas dos pseudobulbos novos, a prevenção é a melhor solução, fervendo-se o substrato antes do plantio. A brita ou os cacos de vasos de barro utilizados na drenagem do vaso devem ser bem lavados, fervidos ou deixados de molho em solução de hipoclorito de sódio a 20% por vinte minutos. Existem no mercado, lesmicidas a base de Metaldeído, que podem ser aplicados sobre o substrato, mas que nem sempre erradicam completamente esses moluscos. As iscas feitas com rodela de batata inglesa ou chuchu, colocadas à noite sobre o substrato e recolhidas na manhã seguinte também podem ser de grande ajuda. Outra forma de diminuir a ação de moluscos é manter as plantas penduradas por ganchos.

Na minha experiência, são três as principais doenças provocadas por fungos na *Laelia crispata* e estão muito relacionadas ao excesso de umidade no ambiente, ao excesso de regas, sombreamento excessivo no local de cultivo, a má drenagem do substrato.

. Antracnose: Surge mais comumente na forma de manchas escuras na ponta da folha que vão descendo por essa com um halo ou uma faixa verde claro ou amarelo e progressão das manchas, culminando com a queda da folha e possível acometimento do pseudobulbo. Também pode se iniciar em outras partes da folha.



Fig. 36: Caramujos capturados com iscas de batata.



Fig. 37: Folha com extremidade necrosada por infecção de antracnose.



Fig. 38: Ápice da folha necrosado por antracnose.



Fig. 39: Broto acometido por antracnose.

Podridão da base: Provoca a necrose dos pseudobulbos novos em desenvolvimento. Ataca o rizoma na forma de mancha escura, que pode subir pelo pseudobulbo já desenvolvido, o qual pode secar completamente ou perder a folha.

Não raramente algumas plantas superam essa infecção sem nenhum tratamento feito pelo cultivador. É possível observar que uma planta saudável deixou pra trás dois ou três pseudobulbos previamente atacados sem que a doença tenha sido ao menos percebida. Em outros casos, a doença mostra-se bem agressiva, sendo capaz de exterminar a planta inteira ou parte dela em poucas semanas, mesmo quando é feito o replante e aplicado fungicida.

Cortar a parte da planta acometida pela doença com instrumento novo ou previamente esterilizado e replantá-la em um toquinho de madeira, em cachepô ou em vaso de barro com substrato de alta drenagem é uma boa alternativa.

Depois de fazer o replante, aplicar Difenconazol e/ou Tiofanato-metílico e repetir essa aplicação na semana seguinte. Muitas vezes o resultado é satisfatório.



Fig. 40: Antracnose em estágio avançado com diversos pseudobulbos já secos.

Mofo cinzento : Ataca as flores deixando-as com manchas cinzentas em todos os seus segmentos, principalmente nos dias chuvosos, o que compromete toda a beleza das flores.



Fig. 41: Mofo cinzento em *Laelia crispa*.

O ataque por **vírus** pode ser notado pela presença de manchas escuras com áreas de depressão central nas folhas, manchas formando círculos ou semicírculos e flores em mosaico, com colorido não uniforme. É importante salientar, que nem sempre é possível afirmar unicamente pela observação se as manchas escuras têm como agente causal vírus, fungos ou bactérias.

Caso o agente causador seja o vírus, só resta o descarte da planta, pois até o momento, não existe tratamento para esse tipo de doença, o que pode inclusive contaminar toda a coleção.

Agradecimentos:

Meus agradecimentos à minha mulher, Regina Lúcia Branco Martins de Almeida, minha grande incentivadora e que participou ativamente na arte final desse trabalho.

Nota: As fotos desse artigo são do autor.